



Organizadora

Vanessa Chreim

PSICANÁLISE

Novas dimensões da Recusa

Blucher

NOVAS DIMENSÕES DA RECUSA

Organizadora

Vanessa Chreim

Novas dimensões da Recusa

© 2025 Vanessa Chreim (organizadora)

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenador editorial Rafael Fulanetti

Coordenadora de produção Ana Cristina Garcia

Produção editorial Andressa Lira

Preparação de texto Bárbara Waida

Diagramação Lira Editorial

Revisão de texto Arianne Corrêa

Capa Departamento de produção

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico*
da Língua Portuguesa, Academia Brasileira
de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios sem autorização escrita
da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Novas dimensões da recusa / organizadora
Vanessa Chreim. – São Paulo : Blucher, 2025.

218 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2659-8 (Impresso)

ISBN 978-85-212-2660-4 (Eletrônico – Epub)

ISBN 978-85-212-2657-4 (Eletrônico – PDF)

1. Psicanálise. 2. Clínica psicanalítica.
3. Sofrimento psíquico. 4. Recusa (Psicologia).
I. Título. II. Chreim, Vanessa.

CDD 159.964.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a todos os autores deste livro, que abraçaram meu interesse pelo tema da Recusa e o tornaram parte de suas próprias reflexões teóricas e clínicas.

Faço um agradecimento especial a Elisa Maria de Ulhôa Cintra e a Luís Claudio Figueiredo, por sua generosidade e disponibilidade, por suas aulas e orientações, que foram berço para as ideias deste livro. Agradeço igualmente aos colegas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), que se tornaram preciosos amigos com quem tenho o privilégio de caminhar em nossos percursos de escrita e pesquisa. Agradeço a Bernardo Tanis, pela generosidade de sua escuta inestimável há tantos anos. Também sou grata a Elias Mallet de Rocha Barros por acolher com entusiasmo o desvelamento das dimensões da Recusa. Agradeço aos meus pacientes, supervisionando e alunos, que me inspiram diariamente.

Gostaria de agradecer também aos membros do Laboratório Interinstitucional de Estudos da Intersubjetividade e Psicanálise Contemporânea (LiPSiC) e a suas coordenadoras, Elisa Maria de Ulhôa Cintra e Marina F. R. Ribeiro, pelo espaço de inovação e construção, regado de trocas afetivas valiosas. E também ao Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi (GBPSF) pelas oportunidades de interlocução sobre a obra do “*enfant terrible*”, que se faz muito presente nas reflexões deste livro.

Agradeço à Editora Blucher, por apostar na realização de mais um livro sobre a Recusa, sobretudo a Eduardo Blucher e Rafael Fulanetti. Faço um agradecimento especial a Áurea Rampazzo, cujo olhar paciente e encantado me ajudou na preparação deste livro e, portanto, foi nossa primeira leitora.

Também agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP, que fomenta e dá suporte para nossas produções, e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento de minhas pesquisas de mestrado e doutorado, respectivamente, das quais este livro deriva parcialmente.

Finalmente, agradeço a meus pais, irmãos, sobrinhos e tantas outras pessoas queridas que alegram o meu viver e dão fôlego ao meu desejo de escrever. Entre elas, Bruno Gueldini, Priscila Dal Molin Carvalho, Aline Choueke Turnowski e Celina Diaféria.

É de todos esses encontros que brotou este livro.

Apresentação: ainda sobre a Recusa?

Vanessa Chreim

Sim, ainda sobre a Recusa, mas desta vez não sou só eu falando sobre o tema. A potência de um conceito é o fato de que ele não deixa de suscitar inquietações e, agora, estou acompanhada por outros autores que, ao longo de suas pesquisas e suas indagações sobre a clínica e a cultura, identificaram no conceito de Recusa uma importante contribuição. Felizmente, o número de “recusólogos” cresceu, o que é extremamente estimulante. De certa forma, todos os autores que convidei para compor este livro acompanham esta afirmação de Freud, apoiando-se no conceito de Recusa para pensar diferentes formações e deformações do Eu: “Não se deve crer que o fetichismo represente um caso excepcional no tocante à cisão do Eu, ele é apenas um objeto de estudo particularmente propício nesse caso” (Freud, 1940[1938]/2018, p. 268).

Este é o método que utilizei para identificar as diversas dimensões da Recusa: a partir do estudo do fetichismo, elenquei as principais características desse processo de defesa. São elas: a atitude dupla perante uma situação traumática, em que há as simultâneas admissão e não admissão da realidade psíquica; a cisão do Eu decorrente desse processo de defesa; a regressão e a fixação numa representação pré-traumática; a perturbação do processo perceptivo, das funções de representação e de simbolização; a suspensão do teste de realidade.

Vou confessar que fiquei na dúvida sobre o título: afinal, são novas ou outras dimensões da Recusa? Considerando que neste livro fizemos articulações entre as dimensões exploradas no primeiro e acrescentamos aportes de outros grandes autores da psicanálise, achei justo afirmar que estamos criando algo novo. Além das teorias de Sigmund Freud, o leitor encontrará uma forte influência do pensamento de Sándor Ferenczi e de Melanie Klein, numa busca por explorar a sobreposição dos aspectos intrapsíquicos e intersubjetivos da Recusa. São novas formas de compreender a Recusa, o que permite desenvolver um pensamento clínico mais complexo para a escuta desse fenômeno e do sofrimento psíquico envolvido.

A Recusa não é um conceito novo na psicanálise, mas é um conceito que precisava de renovação. Se no começo da obra de Freud tratava-se de uma defesa contra a angústia de castração, no final já envolve a relação do sujeito com a realidade. Portanto, é preciso procurar o que se preserva na evolução do tema na obra de Freud, dos pós-freudianos e dos psicanalistas contemporâneos. É assim que a Recusa pode se tornar um conceito vivo, sem perder a consistência.

Se por anos alguns analistas consideravam que a Recusa se restringia a casos de perversão, essa noção já ficou ultrapassada: neste livro nos aprofundaremos nas formas como esse mecanismo de defesa atua nas vítimas de violência, como proteção ante o impacto traumático, mas podendo levar à formação daquilo que chamo de “cativeiros psíquicos”. Trata-se de organizações defensivas em que a cronificação da Recusa leva a um aprisionamento do psiquismo, fazendo com que a armadura se torne uma armadilha. O que nos inquieta é a perpetuação da violência em nível individual e coletivo, como no ressentimento, na vingança e na indiferença quanto ao sofrimento do outro.

A Recusa é um mecanismo de defesa que usamos sobretudo quando estamos diante de situações traumáticas e de angústia extrema, pois nos permite um distanciamento da realidade emocional, para aguentarmos

atravessar o momento de dor. Assim como um curto-circuito protege um aparelho de queimar os fusíveis, a Recusa é uma defesa que reduz temporariamente as tensões no psiquismo, como um anestésico. Como toda defesa, ela é necessária, indispensável, mas, quando a anestesia passa, a dor nos invade com intensidade, contando-nos que, enquanto estivemos desacordados, nosso corpo passou por uma violência, tem feridas e precisa de cuidados para não necrosar.

Por que Ferenczi? Por que Klein?

Ferenczi se debruçou sobre os efeitos do trauma no psiquismo, abordando extensamente o tema da clivagem e outros mecanismos de defesa, nos quais identificamos dimensões da Recusa, ou seja, um radical afastamento da realidade psíquica, como nos estados de transe. Além disso, o autor contribui enormemente para pensarmos nas questões éticas e técnicas envolvendo pacientes traumatizados: os conceitos de identificação com o agressor e de desmentido revelam de que forma as defesas continuam ativas na relação analítica e podem perturbar o processo. Se não tivermos essas dimensões da Recusa em mente, pouco poderemos fazer pelo paciente, pois, como nos ensinou Ferenczi, há muitas formas de resistência silenciosa. Não é fácil soltar a língua de uma vítima de violência, que teve de sufocar a sua dor, que teve sua voz desautorizada, que duvida de suas próprias percepções e se sente responsável pela experiência terrível que viveu.

Sobretudo o sentimento de culpa da vítima de violência se torna uma importante fonte de reflexão sobre as intervenções do analisista: é necessário desenvolver uma clínica do testemunho que não se furte ao trabalho interpretativo sobre sexualidade e agressividade. É aí que começamos a convocar Melanie Klein como teórica que nos ajuda a pensar sobre a dimensão da fantasia, que está sempre presente na forma como cada sujeito interpreta as experiências que viveu, recordando-nos de que um incidente é traumático não apenas pela

objetividade de um fato ocorrido, mas sobretudo pelo significado afetivo de tal vivência. Aliar o pensamento ferencziano com o kleiniano nos ajuda a pensar sobre os processos de simbolização e de introjeção e suas perturbações (como a incorporação), o que nos permitirá compreender que os efeitos do trauma podem perpetuar outras formas de violência do sujeito consigo mesmo e com os outros. Articular as contribuições desses autores é escutar a relação do sujeito com seus objetos internos e pensar de que forma a análise pode caminhar na direção de reaproximar o paciente de sua realidade psíquica.

Isso nos traz questões técnicas fundamentais: o enquadre analítico é uma atmosfera altamente alergênica, pois convidamos todos os fantasmas a aparecerem. Entrar em contato com o que foi alvo da Recusa traz muito sofrimento, mas é preciso chorar o que nunca pôde ser sentido. A transferência leva à reprodução e à atualização da cena traumática no vínculo com o analista: por um lado, isso dá chance para representação e elaboração do registro traumático que foi alvo da Recusa, mas também envolve o risco de uma retraumatização. Por isso, em todos os capítulos deste livro, nota-se a inquietação com a delicadeza do manejo clínico face às dimensões da Recusa: confrontar o paciente diretamente não desfaz a ação dessa defesa, pelo contrário, pode produzir um desmentido ao deslegitimar violentamente a realidade psíquica do paciente. Por isso é fundamental considerar a especificidade da Recusa como mecanismo de defesa.

Como ler este segundo livro?

Os capítulos deste livro são independentes: ele não precisa ser lido do início ao fim para ser compreendido, embora haja uma sequência temática que o organiza. Começamos pelo polo freudiano e ferencziano e terminamos no polo kleiniano, atravessando um campo de fenômenos em que as dimensões da Recusa se sobrepõem, exercitando uma escuta polifônica e poliglota. Para quem não leu o primeiro livro,

Dimensões da Recusa (Chreim, 2021), há dois capítulos em que o leitor pode se aprofundar nas bases freudianas do conceito: “A *Verleugnung* em Freud e em Ferenczi” e “A Recusa e as crenças: a dimensão narcísica da não admissão da castração”.

Neste livro, exploraremos dimensões clínicas, culturais e sociais da Recusa, bem como aspectos saudáveis e patológicos. Abordaremos temas como trauma, silenciamento, desmentido, crueldade, ressentimento, melancolia, culpa, defesa maníaca, crenças, narcisismo, identificação com o agressor, dinâmicas familiares patogênicas, violência de gênero, e outros.

Entre casos clínicos, filmes e situações sociais, pretendemos oferecer diversas ilustrações que revelam que a Recusa é um fenômeno muito mais frequente do que se supunha. Por meio desses exemplos, o leitor que não é psicanalista também poderá mergulhar no universo de escuta e sensibilização a essas novas dimensões da Recusa.

Verleugnung, suas traduções e suas traições

As múltiplas traduções do termo alemão *Verleugnung* para o português contribuíram para a confusão e a imprecisão em torno do tema: recusa, denegação, negação, renegação, rejeição, desmentido, desautorização, entre outros. Em cada tradução há uma traição ao sentido original, mas cada opção dá ênfase a uma das diversas dimensões desse mecanismo de defesa, revelando a riqueza de um conceito que ainda é muito enigmático entre os psicanalistas: quase ninguém sabe o nome, o que é e para que serve.

Optei pela tradução do termo *Verleugnung* como Recusa por alguns motivos, entre os quais alguns critérios de exclusão. No Brasil, os termos mais correntes são “negação”, “desmentido” e “recusa”. Em primeiro lugar, destaco que há uma enorme confusão entre o termo “negação” e o conceito de *Verleugnung* que precisa ser desfeita, pois leva a uma imprecisão que contribui para que o tema fique à sombra.

O conceito de Recusa (*Verleugnung*) se opõe clinicamente ao fenômeno denominado “negação” (*Verneinung*), pois este último revela o funcionamento da função de julgamento (Freud, 1925/2014), enquanto o primeiro envolve a sua perturbação.

Assim, descartei também o uso dos termos “denegação” e “renegação”. Conceitualmente eles são muito precisos, pois enfatizam essa oposição entre *Verleugnung* e *Verneinung*, colaborando para diferenciar Recusa e Negação. Mas, no Brasil, “denegação” e “renegação” são termos pouco usados e implicam um conhecimento ainda mais aprofundado sobre esse conceito que pretendemos desmistificar. Além disso, por derivarem do termo “negação”, alimentam o mal-entendido abordado anteriormente.

O termo “rejeição” também não me pareceu adequado como tradução para *Verleugnung*, primeiro porque remete a uma noção de impermeabilidade absoluta, o que não é o caso da *Verleugnung*, que se caracteriza pelas simultâneas admissão e não admissão da realidade psíquica. Além disso, o termo “rejeição” tem sido muito usado na literatura para se referir ao processo radical de defesa típico da psicose e o descolamento da realidade compartilhada e da realidade externa, que se manifesta mais claramente no delírio e na alucinação; todavia, no caso da *Verleugnung*, constatamos que há diversos graus de afastamento da realidade, inclusive em seus aspectos saudáveis.

Por sua vez, o termo “desmentido” faz referência a um conceito de Ferenczi (1931/1992) que apresenta uma particularidade: veremos no primeiro capítulo que o desmentido não é um processo de defesa, e sim um ato de violência. A questão é que o desmentido produz uma das dimensões da Recusa na vítima, mas em um contexto específico de um trauma intersubjetivo. Prefiro reservar para a obra de Ferenczi o termo “desmentido”, que tem uma importância e uma potência clínica próprias da contribuição desse autor.

Por isso, optei por traduzir *Verleugnung* como Recusa, e com letra maiúscula, para enfatizar que o termo comporta um estatuto conceitual, e não apenas um substantivo corriqueiro usado no cotidiano em diferentes contextos. Inspirei-me no movimento de Freud, que, no final de sua obra, começou a escrever *Die Verleugnung*, “a Recusa”.

Boa leitura!

Referências

- Chreim, V. (2021). *Dimensões da Recusa*. Blucher.
- Ferenczi, S. (1992). Análise de crianças com adultos. In S. Ferenczi, *Psicanálise IV*. Martins Fontes. (Texto original publicado em 1931)
- Freud, S. (2014). A negação. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. XVI). Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1925)
- Freud, S. (2018). Compêndio de psicanálise. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. XIX). Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1940[1938])

Conteúdo

Prefácio	19
<i>Elisa Maria de Ulhôa Cintra</i>	
1. A <i>Verleugnung</i> em Freud e em Ferenczi	23
<i>Vanessa Chreim</i>	
2. O desafio clínico perante o desmentido na psicanálise com crianças	51
<i>Claudia Rezende</i>	
3. Soltar a língua: a importância da introjeção na clínica do trauma	71
<i>Ilana Safro Berenstein e Vanessa Chreim</i>	
4. O desmentido entre mulheres: a identificação com o agressor e a perpetuação da violência	89
<i>Vanessa Chreim e Elisa Maria de Ulhôa Cintra</i>	
5. A Recusa e as crenças: a dimensão narcísica da não admissão da castração	105
<i>Vanessa Chreim e Elisa Maria de Ulhôa Cintra</i>	
6. Trauma e Recusa: os cativos psíquicos	129
<i>Vanessa Chreim</i>	

7. Os objetos culturais e as saídas de cativeiros psíquicos	151
<i>Celina Diaféria</i>	
8. Quando o silêncio é traumático: o não dito e o desmentido no âmbito familiar	163
<i>Vanessa Chreim, Adriana Meyer Gradin, Bruno Gueldini, Celina Diaféria, Katia Piroli, Arianne Angelelli, Andréa Acioly Maia Firmo e Milton Jeronimides</i>	
9. Nuances do ressentimento em <i>Abril despedaçado</i>	181
<i>Carolina Paixão de A. Pinheiro, Máira Mamud Godoi, Pedro Sang, Ricardo Cavalcante, Rodrigo Figueiredo Mello, Thais Siqueira e Vanessa Chreim</i>	
10. A defesa maníaca: uma dimensão da Recusa	201
<i>Aline Choueke Turnowski</i>	
Sobre os autores	215

Prefácio

Este livro nasce, em um primeiro momento, da prolongada reflexão clínica e teórica de sua organizadora, Vanessa Chreim, que acompanhei de perto ao orientar seu mestrado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Seu trabalho foi publicado em 2021 pela editora Blucher sob o título *Dimensões da Recusa*.

Neste momento, além de sua incansável atividade de pesquisa, Vanessa reuniu colegas que estão escrevendo mestrados e doutorados na PUC-SP e resolveu convidá-los a explorar as *Novas dimensões da Recusa*.

Foi para mim um renovado prazer acompanhar de tão perto a elaboração dos dez capítulos deste livro, participando deles de forma direta ou permanecendo do lado de fora, olhando com admiração a qualidade de elaboração das ideias e a precisão poética de cada texto. Tudo em seu devido lugar e levando-nos ao campo *distópico* e estranho do trauma com seus labirintos e suas repetições sem saída. Pois o trauma está em todos os lugares e em lugar nenhum: escondido ameaçadoramente no oceano como Moby Dick e de repente irrompendo imenso, diante de nós, à nossa revelia e sem nenhuma consideração.

Mas o que a Recusa tem a ver com o trauma? É isso que os leitores descobrirão, em maior detalhe, por meio de vinhetas clínicas e análises de filmes, que fazem parte do livro. Quando as pessoas têm que se confrontar com a terrível realidade de perdas, traumas e dores indizíveis, lançam mão de estratégias defensivas radicais, como é o

caso da Recusa. É uma tentativa de apagar e não entrar em contato com o que é indizível e impensável.

O traumático é o lugar dos excessos, do excedente, daquilo que é sem medida. O excesso de sexualidade abusiva e geradora de confusão e ruídos: os desencontros entre a linguagem da paixão e a linguagem da ternura. É o lugar da violência, como no racismo, no feminicídio e na cultura do estupro, nas práticas políticas abusivas, e em diversas outras formas de exclusão e inclusão que nos levam, por vezes, a hiperidentificações mortíferas. Violências que também se repetem por meio do desmentido, conceito cunhado por Ferenczi. Com esses traumas, o sujeito fica sem um lugar onde se possa habitar com serenidade.

Ao contrário do trauma, neste livro tudo fica dentro do *métro*n – a justa medida que os deuses gregos nos recomendam: nada de excesso nas metáforas, no entusiasmo do *furor curandis*, no lirismo e na imensa tristeza quanto à relativa impotência de todos diante do traumático e suas dimensões impenetráveis. Talvez este livro possa nos trazer novas ideias para adentrar o que parecia indevassável, e aí inventar novas estratégias de reparação. Quem sabe a gente venha a se contrapor à Recusa por meio de nossa escuta-testemunho.

Isso tudo com muito respeito à função protetiva da defesa e à realidade psíquica do outro: quando começamos a ouvir uma pessoa cujo mundo interno está em pedaços, há um primeiro momento em que entramos com ela na própria Recusa, nas suas defesas, e nos perdemos junto durante um tempo para poder depois ter algum *insight*. Crianças e adultos muito traumatizados precisam primeiro esquecer o trauma para se lembrar dele só depois, *après-coup*. E, para lembrar e elaborar, é necessária a companhia de alguém que caminha junto e cria um lugar sereno onde se possa enfim habitar fora dos julgamentos convencionais.

Mas, sobretudo, precisamos de lâminas finas para lidar com a Recusa e suas infinitas dimensões: é preciso dissecar bem. Toda Recusa tenta combater as figuras do excesso que vão se multiplicando diante de nós. Precisamos de palavras cirúrgicas, finas, de corte raso para lidar com o sofrimento psíquico insuportável, tomando cuidados para não retraumatizar o paciente quando ele volta a encarar suas dores. E este livro, o leitor vai logo constatar, nos presenteia com uma coleção diversificada desses instrumentos.

Vejam os temas dos capítulos, como são reveladores: a *Verleugnung* em Freud e Ferenczi; a importância desse mecanismo de defesa na clínica do trauma e do desmentido, e ainda mais quando as mulheres se desmentem umas às outras, provocando mais confusão; a Recusa e a dimensão narcísica das crenças; os objetos culturais que ajudam a sair do cativeiro psíquico criado pela Recusa; os desafios clínicos que esse mecanismo de defesa cria na clínica com crianças; as defesas maníacas, o ressentimento e a vingança como manifestações da Recusa; e, por fim, o silêncio traumático na convivência familiar de todos os dias, com todos os seus segredos e não ditos avassaladores.

Ficamos sem fôlego só de enumerar as tantas dimensões da Recusa. É que só estamos *começando* a pensar os mecanismos de formação da violência cotidiana, quando os excessos de crueldade são indizíveis e impensáveis.

Para explorar tudo isso, os leitores terão a companhia dos seguintes autores: Ilana, Celina, Claudia, Aline, Carolina, Maíra, Pedro, Ricardo, Rodrigo, Thais, Adriana, Andréa, Arianne, Bruno, Katia, Milton, Vanessa e eu mesma. Ao nosso lado há, nas entrelinhas, uma rede de amigos, pacientes, parentes, supervisores, analistas, enfim... outras vozes que agora se presentificam aqui. Creio que há uma rede de solidariedade invisível entre pessoas que desejam encontrar alguma forma de reparar o que está tão fragmentado. É bom fazer parte de um grupo que pensa e sente, face a um mundo de barbárie que nos cerca com seus urros e gritos.

Quero convidar o leitor a fazer parte desse grupo conosco; é preciso muita gente para desconstruir as diversas *dimensões da Recusa*. Que você possa se encantar com a delicadeza e o rigor de elaboração dessas histórias.

*Elisa Maria de Ulhôa Cintra*¹

1 Psicanalista; doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP e da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC-SP. Coordenadora do Laboratório Interinstitucional de Estudos da Intersubjetividade e Psicanálise Contemporânea (LIPSIC) – IPUSP/ PUCSP.



O espectro teórico e clínico da psicanálise expandiu-se enormemente quando Freud recuperou a ideia de “mecanismos de defesa”, sem restringir a noção ao que lhe parecia essencial para a compreensão e tratamento dos adoecimentos neuróticos: a repressão. Por mais importante que seja nas neuroses e, na verdade, em todos os adoecimentos, a repressão é apenas um dos mecanismos de defesa. Há outros, entre os quais sobressai a *Recusa*, desmentido ou desautorização perceptiva (*Verleugnung*), fundamental na teoria e na clínica dos chamados adoecimentos não-neuróticos.

Vanessa Chreim vem há muitos anos dedicando-se ao estudo desse processo defensivo e nesta coletânea convocou outros analistas para nos trazerem novos aportes sobre o tema. Sem uma compreensão aprofundada do que está em jogo na Recusa, a psicanálise ficaria privada da capacidade de enfrentar os inúmeros desafios clínicos que nos trazem as psicopatologias que atualmente chegam a nossos consultórios.

Luís Claudio Figueiredo

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2659-8



9

7 8 8 5 2 1 2 2 6 5 9 8



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Novas dimensões da Recusa

Vanessa Chreim

ISBN: 9788521226598

Páginas: 218

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025
